

Excerto traduzido do livro

**Ilija Trojanow**  
**Der Weltensammler**  
**Carl Hanser Verlag**  
**München 2006**  
**ISBN 3-446-20652-3**

pp. 20-24, 75-75, 78-80, 109-111, 119-120, 161-164

**Ilija Trojanow**  
**O colecionador de mundos**

**Traduzido por Marcelo Backes**

## TRECHO 1

Com a aterrissagem a ilusão do binóculo se tornou ostensiva. O cais era construído sobre peixes para lá de podres, coberto de urina seca e água biliosa. Mangas de camisa eram puxadas às pressas sobre os narizes. Séculos de podridão, socados a pés descalços até virarem chão consistente, sobre o qual um uniformizado suava gritando. Os que acabavam de chegar olharam receosamente à volta. A curiosidade foi adiada a uma próxima ocasião. Deixai tudo conosco, nós cuidaremos de todo o vosso trabalho! Richard Burton aparou o inglês pegajoso de um agente em hindustâni, com orgulhosa ponderação. Chamou um cule, que estava parado à parte e ignorava o burburinho, perguntou, ouviu, vigiou como suas arcas foram carregadas às costas e levadas a um dos coches já prontos para recebê-las. O caminho não seria longo, conforme disse o cocheiro, e seu preço mínimo. O coche rodou em meio à massa de gente como um barco a reboque. Na esteira deixada na quilha boiavam quepes e carecas, turbantes e topis. Em volta dele, naquele torvelinho, ele não conseguia reconhecer nenhum rosto, e demorou alguns instantes até ver uma imagem que fazia sentido: diante de uma loja, as patas de um merceeiro descansavam sobre sacos de arroz. Burton afundou no encosto do banco enquanto o coche fugia ao porto, dobrando em uma rua larga. Um garoto escapou aos cascos dos cavalos por pouco, o mínimo exigido pela prova de fogo, e premiou a si mesmo com um sorriso zombeteiro. Um homem era barbeado próximo ao redemoinho das rodas. Uma criança sem pele era estendida diante dele. Ele estremeceu de leve e logo esqueceu de tudo. O cocheiro parecia estar nomeando as construções de ambos os lados: Apollo Gate, atrás dele o Forte, Secretariado, Forbes House. Sepoy! e o cocheiro apontou para um boné, debaixo dele cabelos ensebados, mais embaixo pernas secas, cabeludas, em uma calça de uniforme demasiado curta. Horrível, pensou Burton, são esses os soldados nativos, que eu terei de comandar, pelo amor de Deus, essas roupas, nada mais do que um recamo, até mesmo a expressão do rosto nada mais é do que um arremedo copiado aos ingleses. O coche trotou passando por um chorrilho de mulheres, tatuadas nas mãos e nos braços. Casamento, alegrou-se o cocheiro. As enfeitadas desapareceram às pressas na esquina. As casas, na maior parte de três andares, pareciam tomadas pela gangrena. Em uma das sacadas de madeira um homem tentava buscar liberdade tossindo, para em seguida cuspir sua moléstia na rua. As poucas construções de porte pareciam guardas em uma colônia de leprosos. Burton vislumbrava sempre de novo, entre as copas das palmeiras, gralhas de cabeça gris. Em uma das vezes, elas voaram em círculos sobre a cabeça de um anjo de mármore, ao qual uma mulher coberta por

um véu beijava os pés. Pouco antes da chegada ao hotel, viu gralhas descerem sobre um cadáver. Às vezes, e o cocheiro se voltou para ele com o veículo a toda brida, elas nem mesmo esperam a morte.

O British Hotel em Bombaim não parecia de forma alguma com o Hotel Britain em Brighton. Em Bombaim era exigido mais dinheiro por menos conforto; cama, mesa e cadeira tinham de ser procurados e ajuntados pelos hóspedes. Em Brighton nenhum cadete bêbado de cabelos pagãos e hálito pantanoso subia à noite em uma cadeira para espreitar embasbacado seu vizinho de quarto por sobre a parede de musselina. Burton, há horas sem conseguir se aproximar do sono, empurrou o mosquiteiro para o lado e jogou no cadete o objeto mais próximo, que conseguiu achar embaixo de sua cama. O projétil arremessado acertou a cara do cadete em cheio. Ele caiu de sua cadeira e praguejou em voz baixa até que uma vela iluminou o ambiente e um grito pôde ser escutado: o cadete reconheceu o projétil, uma ratazana, que Burton pouco antes abatera com uma bota. Apenas a parede de tecido protegia o cadete franzino de suas próprias ameaças. Burton levou a mão para baixo da cama mais uma vez e pegou uma garrafa de brandy. Lagartixas traziam sorte, ratazanas eram odiadas. As lagartixas estavam penduradas à parede como miniaturas coloridas. As ratazanas se escondiam. Por vezes em vão.

Seu vizinho do outro lado era um enfermeiro a postos pela primeira vez. Estava sentado no peitoril da janela e olhava para o mar afora. Por tanto tempo até o vento lhe soprar no rosto. Atenção, ele gritou ecoando na sala de dormir, assado de hindu paira no ar! E seu grito perpassou as escadarias estreitas caindo sobre a testa do parse sonolento, que atendia os hóspedes com exagerado servilismo. Fechar olhos e postigos. O parse abriu os olhos e sacudiu a cabeça, aborrecido. Esses malditos ghoras suportavam a visão apenas com vento pelas costas.

O enfermeiro se negou a acompanhar Burton ao local da queima. Era necessário ter cuidado diante da sede de saber incorreta, esclareceu ele, um rebento da prédica paterna, que acabara de crescer o suficiente para escapar aos cuidados de sua mãe. Burton tentou cantar louvores à curiosidade, mas logo percebeu quão pouca compreensão era capaz de despertar com suas próprias experiências: a infância na Itália e na França, na condição de filho de um inquieto, os tempos de internato na suposta terra natal. Em todo caso, o enfermeiro se deixou convencer a atravessar a Carnac Road, fronteira entre o cérebro do império e suas vísceras, conforme Burton veio a saber em seu primeiro jantar festivo, na companhia de senhores que

administravam, jactanciosos, distritos inteiros, filhos de merceeiros das províncias inglesas, descendentes de oficiais de justiça, que eram carregados da sombra ao frescor por mãos pagãs, mais ricos e mais poderosos do que jamais haviam fantasiado em seus sonhos mais ousados. Suas esposas cartografavam meticulosamente o mapa dos preconceitos dominantes. Cada uma de suas frases era uma placa de advertência, emoldurada em palavras como: Escutai bem, jovem senhor! Elas haviam levantado a topografia audaciosa e extensivamente, e agora tinham certeza acerca das palavras que a Índia merecia. O clima: “fatal”, os criados: “limitados”, as ruas: “sépticas”, e as mulheres indianas: tudo ao mesmo tempo, motivo pelo qual elas, escutai com atenção, jovem senhor, têm de ser absolutamente evitadas, ainda que alguns maus costumes entrementes tenham se estabelecido, como se não fosse possível exigir de nossos homens um pouco de moral e autocontrole. A melhor coisa – e um conselho mais honesto não haveis de ouvir por aqui –, a melhor coisa é se manter distante de tudo que é estranho!

Artrite nas ruas. A cada passo, um toque. Burton tinha de saltar para o lado sempre de novo, a atenção de seus olhos estava nos carregadores, rebocadores, empurradores. Visíveis no mar de gente, apenas as cargas; torrões gigantescos que pairavam sobre a crista da onda de cabeças sossobrantes, e oscilavam. Lojas de trapos. Oficinas entre oficinas que eram sempre as mesmas. Mercadores sobre esteiras se abanavam em busca de ar, atrás deles entradas estreitas que levavam a cavernas, bojudas como o hábito, infestadas de moscas. Burton quase tinha de implorar àqueles merceeiros para que lhe oferecessem algo à venda, e quando eles enfim se acomodavam a fazê-lo, ofereciam-lhe a pior qualidade, que mantinham em estoque, invocavam a excelência das mercadorias, apresentavam-nas dando sua palavra de honra até que ele aceitasse o pequeno punhal ou a divindade em pedra. Em seguida começava o cabo de guerra pelo preço, acompanhado de novos suspiros e caretas.

Tu já falas bem o dialeto desses tipos, observou o enfermeiro, um tanto censurador. Burton riu: as damas do dia anterior teriam se mostrado horrorizadas. Com certeza pensam que dividir uma língua é o mesmo que dividir uma cama. Cidade negra. De repente, um templo diante deles, uma mesquita, pintalgada em muitas cores, enfeitada em uma só cor. O enfermeiro se mostrou enojado diante da deusa disforme, cuja cabeça retorcida em uma careta era bem maior que o corpo. Alegra-te com a surpresa, pelo menos se trata da padroeira da cidade em que tantas línguas encontraram seu lar, mas a deusa é, ela mesma, muda. Eles passaram por um túmulo. Ao lado do cadáver, coberto por um tecido verde bordado, havia clavas penduradas na parede. A ferramenta mágica do sagrado Baba, esclareceu-lhes um guarda, cuias da África. Pessoas leprosas e cães intocáveis. Os membros emurchecidos dos

pedintes estavam cobertos de tinta sagrada, uma vaca disforme abanava o rabo ao lado deles, sua quinta perna curta estava pintada de laranja; um pouco adiante, um homem sem membros jazia sobre uma coberta no meio da ruela que levava à entrada traseira da grande mesquita, em volta dele moedas espalhadas como se fossem varíolas caídas de seu corpo. Um homem nu de pele escura detinha o trânsito. Ele estava untado de gordura da cabeça aos pés e usava um lenço vermelho atado em volta da testa. Em sua mão, uma espada. Uma multidão formidável se reunia em volta de seus gritos inúteis. Mostrei-me o caminho correto, gritava o homem e golpeava a espada nos ares. Um senhor de mais idade ao lado de Burton murmurava algo na monotonia destoadada de uma oração, enquanto o homem nu brandia a espada como um chicote e a multidão aos poucos se fazia sua inimiga. O que está se passando por aqui, não entendo o que está se passando por aqui? O enfermeiro se agachou às costas de Burton. O homem nu girou o corpo com a espada em riste fazendo um círculo sibilante até tropeçar, a espada lhe escorregou das mãos, alguns homens da multidão se atiraram sobre ele, espancando e escoiceando-o. Não te metas nisso, implorou o enfermeiro a ele, tu és muito alto, talvez sejas forte, mas com esses selvagens não tens a menor chance. E se eles o matarem? Isso não nos diz respeito! Dois monções, Dick, disse o enfermeiro no caminho de casa, essa é por aqui a expectativa de vida de alguém que acaba de chegar. Não te preocupes, consolou-o Burton, isso com certeza vale apenas para aqueles que vivem cautelosamente demais e morrem de obstipação. Obstipação? sussurrou o enfermeiro. Não estou nem um pouco preparado para isso.

## **TRECHO 2**

### **O corpo cor de fumaça**

Ele gostaria de expulsar a noite com um coice. Escorraçar o último pesadelo. Lá fora, um caminhante solitário cuspiam entre passos rangentes; parecia ter pressa em ser o primeiro a encontrar a alvorada. Gralhas rasgaram o silêncio restante com bicos rudes. Ele estava parado à janela e apertava sua testa contra a tela de arame. Alguém acendeu um fogo, um cumprimento, e a preparação para o primeiro chá do dia. O cheiro de esterco afagava os campos fumegantes como uma mão suja. O ar estava fresco, e um rastro úmido. Ele ouviu Naukaram abrir a porta e depositar a bandeja. Tateou buscando o bule, derramou o chá preto

na xícara e pingou um pouco de leite dentro. Quando levou a xícara aos lábios, percebeu que a alvorada entrara no quarto às furtadelas. Como se sentisse vergonha de ter passado a noite em outro lugar. Ele gozou o calor da xícara em suas mãos, depois sentiu que a mulher apertava seus seios contra as costas dele. Era essa a maneira que ela costumava cumprimentá-lo. Queres um gole de chá, perguntou ele, ainda que soubesse que ela negaria. Conseguia dividir a cama com ela, mas não a xícara de chá. Ela jamais comia com ele. Viviam no mesmo terreno, mas ele tinha de tomar suas refeições sozinho. É assim que tem de ser, ela havia dito. Ela recusava seus pedidos e convites exatamente do mesmo modo que até agora se negara a passar a noite inteira com ele. Quando acordares, estarei aqui de novo. Ela cumpria sua promessa – mantinha distância. Exigia, ao contrário das cortesãs que haviam dividido a cama com ele até agora, que ele apagasse todas as luzes antes de ela tirar a roupa. Esta havia sido a condição estipulada por ela, desde o princípio. Ele atendeu o desejo dela e o considerou uma expressão de intimidade. A lua lhe concedera sua ajuda delicada na primeira vez. A atenção de suas mãos foi consagrada à pele dela. Tentou beijá-la na boca, ela cerrou seus lábios. Excitava-o o fato de ela se entregar a ele sem se abrir. Ela se mostrou jeitosa, experiente como as outras cortesãs. Ele não precisava pensar em nada, não necessitava tomar nenhuma decisão, ela satisfazia todas as necessidades dele antes mesmo que ele as revelasse. Eu a contemplo no trabalho, foi o que passou pela cabeça erguida dele, um pensamento que obrigava à sobriedade, e proporcionava a seu orgasmo um nascimento mudo. Depois, ele ainda não voltara a abrir seus olhos, ela levantava imediatamente, enquanto ele ouvia o som de passos descalços que aos poucos emudeciam. Ela não voltava. Depois de algumas noites assim, ele comunicou a Naukaram que Kundalini se mudaria para a bubukhanna. Naukaram se mostrara alegre, uma alegria honesta, assim pareceu a Burton, e ele ficou tocado com o fato de Naukaram se preocupar com o bem-estar dele. Certa noite, pois apenas à noite era suficientemente fresco para suportar a pele de outra pessoa, ele a segurou pelo braço quando ela quis se levantar. Ela protestou. Tenho de ir embora, ela disse. Só mais um pouco, fica comigo, por favor. Ela se recostou na cama. Ele acendeu um lampião e depois o apagou, sob os olhos desconfiados dela. Ele puxou o sári que cobria o corpo dela para o lado, queria contemplá-la, sua pele da cor da fumaça escura. Queria ver tudo dela, mas ela imediatamente cobriu suas vergonhas com uma das mãos, enquanto com a outra tentava em vão esconder seus seios. Por fim, entregue desamparadamente à curiosidade dele, ela endireitou o corpo e cobriu os olhos dele com as duas mãos. Ele se defendeu o menos que pôde, abriu os dedos de seus pés distendendo-os, e ela começou a rir, como água que começa a ferver. Ele a abraçou,

ainda cego, ele abraçou seu riso. Isso está começando muito bem, pensou. Se ao menos soubesse se ela gostava de ficar assim, com ele.

### TRECHO 3

Quando eles estavam deitados juntos na próxima vez, ela sobre ele, os gemidos dele denunciaram a tempestade que se preparava em seu interior, ela estacou, não se mexeu mais, deixou suas mãos deitadas sobre o peito dele e começou a falar, enquanto ficava sentada sobre seu espanto pulsante; falava frases inteiras em um tom íntimo, que contava coisas de passagem e ainda assim exigia atenção completa da parte dele. Ele teve de acalmar suas estocadas, para conseguir entender as palavras que ela dizia, e que davam conta de cortesãs-najas, cujos corpos foram acostumados ao veneno durante anos, de primeiro uma gota, depois várias, a quantia era aumentada até elas tomarem uma colher de chá por dia. Por fim, elas eram capazes de tomar um copo cheio de veneno, sem que isso lhes fizesse mal. Mas seu suor, sua saliva, seus sumos amorosos eram tão venenosos que todos os que dormiam com elas estavam de antemão condenados à morte. Mesmo se alguém tocasse uma das lágrimas delas apenas, para levá-la à boca, morreria. Compreendes, elas podiam se entregar ao desejo apenas quando tinham de matar um homem. Elas eram nada mais do que assassinas aliciadas a serviço de um soberano. Não podiam amar ninguém. Envenenavam qualquer um que as tocasse, qualquer um que as beijasse, pouco importando se o desprezavam ou se o amavam. És capaz de pelo menos imaginar o infortúnio delas? Burton estava deitado imóvel sobre a cama, seu membro uma acusação, que ele acabou retirando. Ela arranhou sobre o peito dele. A história não terminou, disse ela. Havia um poeta, talvez o mais talentoso do país, que se apaixonou por uma dessas cortesãs, mal a vislumbrou, ela que por certo era a mais bela mulher daquela época. Ele não era um adolescente descontrolado, sonhador, longe disso; era um homem experiente, conhecia as regras do cortejar e as leis dos sentimentos. Torturou-se por muito tempo, estava cheio de dúvidas, não sabia se devia ou não confessar seu amor. Quando ele enfim conseguiu se convencer a duras penas, dirigiu a palavra a ela às margens do Jamuna. Ela desejou que ele lhe ensinasse sânscrito. Era esse o único conhecimento que lhe faltava entre as artes que cabiam a uma cortesã. Ele recebeu a permissão do soberano para dar aulas a ela diariamente. Kundalini se inclinou à frente, seus cabelos roçaram a face dele, em

seguida ela voltou a ficar ereta, suas mãos desapareceram, ele sentiu as unhas dela acariciarem a parte interna de suas coxas. Ouve bem, disse ela. A cortesã se apaixonou pelo poeta, aos poucos, ao longo de anos de estudo conjunto, tão vagarosamente como outrora se acostumara ao veneno. E, certo dia, ela fez uma dupla confissão, a confissão de seu amor por ele e ao mesmo tempo a confissão de sua própria criação para a morte. Eu penso muitas vezes sobre o que foi que o poeta sentiu nesse instante, quando o amor mútuo deles foi dado a conhecer na condição de natimorto. Ele não se afastou dela. Decidiu se unir à amada, ainda que fosse apenas por uma única vez. Compreendes, ele se responsabilizou por compensar o abuso que havia sido cometido contra essa mulher. Um calafrio perpassou o corpo de Burton. E então? Isso é o mais estranho, a história tem incontáveis versões e só em um aspecto todas são iguais: ele morreu, naturalmente, mas ao morrer as feições de seu rosto se descontraíram mostrando uma ventura que só os que experimentaram a porta de entrada para a redenção vislumbraram. Kundalini o largou, esticou-se ao lado dele e passou a unha de seu indicador sobre seu membro adormecido. Essa, meu senhor, disse ela, era a arte de retardar o clímax. Quando tu tiveres te restabelecido de minha história, nós podemos começar de novo. Ele a fitou com novos olhos. Teria gostado de lhe dar um beijo no qual esqueceria quem ela era e porque ela estava deitada naquele quarto. Ele não era como o poeta. Havia descoberto uma capacidade em si onde menos suspeitava que ela pudesse existir.

## **TRECHO 4**

**26**

### **Quem transmite habilidade aos alunos**

O capitão Walter Scott – sim, um parente do poeta, um sucessor direto, inclusive – fincou um jalão na terra. Listras vermelhas e brancas que se ajustaram ao deserto como um uniforme de prisioneiro. A terra era pele quebradiça de artrite sobre argila negra. Tu aprenderás bem rápido, ele disse. É tão fácil quanto jogar paciência. Nós não fazemos outra coisa a não ser amarrar o desconhecido ao conhecido. Capturamos a paisagem como se fosse um cavalo selvagem. Com meios tecnológicos. Nós somos a segunda vanguarda da apropriação. Primeiro se conquista, depois se faz o levantamento topográfico. Nossa

influência está registrada em papel quadriculado. Tu te afliges por não teres visto ainda nenhuma ação de batalha. Isso não tem fundamento. A exploração cartográfica que estamos promovendo tem enorme valor militar. A bússola, o teodolito e o nível são nossas armas mais importantes. Quem se deixa prender pela rede das coordenadas que nós lançamos está perdido para a causa dos nativos. Está amansado para a civilização. Fecha um olho e assenta o outro da maneira mais aguda possível. Tu precisas de apenas uma qualidade distintiva na condição de topógrafo. Tens de ser preciso, absolutamente exato. Nós, os topógrafos, somos pessoas meticulosas. Acostuma-te a assumir algum pedantismo minucioso. O princípio é extremamente simples. Os pontos fixos estão em um triângulo. Nós progredimos devagar, triângulo a triângulo, polígono a polígono. Nós não conseguimos registrar mais do que um quilômetro por dia. Por isso acampamos durante semanas em algum lugar e estendemos nossos triângulos em todas as direções. O que importa é mensurar dois valores: a distância e a altura. Naturalmente também o ângulo entre uma posição e uma elevação. E como é que se define um ângulo, Dick? Como o intervalo entre ortodoxia e heresia? Na verdade como a diferença entre duas direções. Eu estava mais ou menos certo, portanto? Sabes o que significa para a matemática estar “mais ou menos” certo, Dick? Por que é que tenho tanta dificuldade em te ver como topógrafo?

Certamente Burton não haverá de fazer carreira com o jalão nas mãos, nisso Scottie tem razão. Ele foi designado a essa unidade porque tem de ser designado a alguma unidade e também porque pode se abalar a suas expedições de pilhagem com mais facilidade partindo de acampamentos distantes. Ele pode se fazer útil atrás do aparelho para medir o nível. Cerra os olhos. O tempo do dia em que os pensamentos ficam cobertos de areia aos poucos. Como se poderá determinar a posição exata de um ponto se tudo tremula em cintilações. Quando ele volta a abrir os olhos, vê um dervixe se deslocando no horizonte. Roupa negra, boné de retalhos. Eu sou aquele que voa sozinho. Os olhos repousam profundamente em uma tina de kajal. As mãos estão enfeitadas com anéis monstruosos. Burton cerra os olhos. Quando volta a abri-los, o dervixe está vestido de verde, as correntes em volta de seu pescoço são da cor da prata e da lata, feitas de plástico e pedras preciosas. Eu sou aquele que voa sozinho. Seu cabelo, sua barba é pintada, um marrom-alaranjado de hena. Burton volta a cerrar os olhos. Deixa-os fechados por muito tempo. Soletra todos os alfabetos que conhece. E então abre seus olhos. Vocês o viram? grita ele a seus camaradas, contra o vento. Qual é o coeficiente? eles gritam de volta.

Aquela não foi a única aparição do dervixe. Quanto mais eles aproximavam seus triângulos do povoado seguinte, com tanto maior frequência ele passava pelo olhar

mensurador de Burton a uma distância segura. Era sempre um outro, o dervixe. Jamais parecia assumir uma figura que assumira antes. Estranho que os outros não o vissem. Certa vez, o dia de trabalho já havia quase terminado, Burton decidiu segui-lo. Até uma mesquita, ao lado da qual se encontrava um túmulo envolvido por um muro. Uma entrada angulosa. Uma densidade imensa de pessoas e excitação. Ouviu uma canção, sentiu-se atraído para dentro, uma canção que o tocava, uma canção que arranhava o reboco de uma câmara escondida de seu ser. Esse toque, ele significava uma irradiação, o lugar diante dele irradiava, e ele mesmo estava inundado pela luz. O ensejo era solene, o túmulo do santo estava carregado de uma nostalgia incomensurável. O lugar era dominado por uma aglomeração que o recebeu amistosamente, um antegosto da aglomeração que por certo dominava diante das portas que davam para o céu. Ele não alcançava o túmulo coberto por um tecido verde bordado. Teve sua atenção desviada. Do lado oposto ao pequeno portão, pelo qual os peregrinos passavam acorados para poder entrar, havia alguns homens sentados sobre o chão. Eles cantavam a canção que o comovia. Ela soava como uma declaração de amor a tudo que era vivo. A voz do cantor, uma voz incomum que dava uma nota estridente, quase adoidada, à seriedade mais profunda, ela se elevava em parafuso, torneava o canto em um disco que rodava cada vez mais rápido. De repente, o dervixe o olhou nos olhos. O tornear continuou dentro dele. Sentai-vos, disseram os olhos, ficai aqui. Nós somos todos hóspedes. Nós somos todos andarilhos. Sede um de nós. E a canção seguiu projetando luz noite adentro, e sobre a multidão densa, que abria caminho indo embora.

\*\*\*\*\*

## **TRECHO 5**

### **O império do poeta**

Relatório ao general Napier

particular

Vós me concedestes a tarefa de coletar informações que nos permitam uma impressão acerca daquilo que os nativos pensam de nós. Eu passei muitas horas na presença de sindis, balúchis e panjabis de todas as classes, nos mercados, nas tavernas e na corte

provisória do Aga Khan. Emprestei a cada voz meu ouvido atento e sempre evitei julicar acerca do sentido daquilo que estava sendo expressado. Parti do princípio de que vejo o mundo de modo semelhantemente unilateral ao daqueles que expressavam sua opinião diante de mim. Eu não me disfarcei, pois tenho convicção de que os orientais são capazes de desmascarar o que não é natural. Não refutei os pontos de vista nem tampouco os instiguei. Satisfiz-me com o papel de ouvinte e sou obrigado a constatar, sem falsa modéstia, que pude me alegrar com uma popularidade que raras vezes na vida me foi dada. Minha difícil tarefa consiste apenas em resumir de modo breve o que foi apresentado de forma angulosa e confusa, empolada e prolixa, em incontáveis conversas. Generalizações são sempre nivelações arbitrárias, diante das quais deveríamos nos precaver como o diabo diante da água benta, mas eu não pude abrir mão delas totalmente a fim de cumprir vossa tarefa de tal modo a fazer com que as informações coletadas sejam da maior utilidade possível. Chegai enfim ao ponto, ouçovos dizer, e eu me apresso a corresponder também a esse desejo.

Os nativos nos vêem de modo bem diferente daquele que nós nos vemos. Isso pode soar banal, mas nós deveríamos ter sempre em vista a compreensão disso no trato com eles. Eles de modo nenhum nos consideram corajosos, inteligentes, também não nos consideram generosos ou civilizados; eles vêem em nós nada mais do que patifes. Não esquecem sequer uma das promessas que não cumprimos. Não ignoram sequer um dos funcionários corruptos cuja função é impor nossa justiça. Eles consideram nossas maneiras indecentes, e nós naturalmente não passamos de incréus perigosos. Muitos dos nativos anseiam por um dia da vingança, uma noite oriental das facas longas, como eu a chamaria; eles mal conseguem esperar pelo dia no qual o intruso fétido será escorraçado. Eles conhecem nossa hipocrisia, ou melhor dito, as contradições em nosso comportamento se aditam em seus olhos adquirindo a feição de uma hipocrisia que tudo envolve. Quando os angrezi demonstram uma devoção particularmente grande, disse-me um homem já mais idoso em Hyderabad, quando eles nos entopem os ouvidos com o sol nascente do cristianismo, quando invocam a propagação do mundo civilizado e as vantagens infindas que nós, os bárbaros, receberíamos de presente, então sabemos que os angrezi preparam mais um roubo. Quando começam a falar de valores, nós ficamos alertas. Poderíamos chamar esse homem de cínico, mas ele é, sem a menor dúvida, um cínico inteligente, altamente conceituado. Uma vez que um exemplo vale mais do que cem afirmações, eu gostaria de dar notícia de um outro sucesso. Há alguns meses, em uma parte afastada do país, a oeste de Karchat, foi preso um balúchi, um chefe supremo de clã, que era acusado de organizar assaltos a nossos comboios de reabastecimento. Esse balúchi era conhecido como duelista astuto e experiente, motivo pelo qual o oficial que

executou a prisão se deixou levar pela idéia de desafiá-lo a um duelo. Ele por certo imaginou que seu triunfo demonstraria nossa superioridade militar. O chefe nativo foi colocado sobre um cavalo velho e cansado, enquanto o oficial vibrava sobre seu garanhão testado na batalha. O oficial se atirou com muita bravura e agitação ao primeiro ataque, ao qual se seguiram outros ataques, mas por mais vezes que tenha atacado, por mais golpes que tenha dado, o balúchi repelia tudo usando espada e escudo. A frustração desse oficial, que dava muito valor a suas habilidades de lutador, aumentou cada vez mais. Ele conseguia ouvir os chamados incompreensíveis dos nativos, que soavam em seus ouvidos como escárnio, ele não conseguiria vencer a batalha homem a homem, ele acabaria por perder sua fama notável entre os camaradas. Atacou uma última vez, de pistola em punho, e, ao invés de dar um golpe, matou o balúchi com um tiro à queima roupa. Essa história é contada de sul a norte do país, ela viceja, lança flores venenosas, que fazem a injustiça sucedida aumentar a ponto de virar demonismo. Existem várias versões circulando, mas em todas o arcabouço é igual àquele que aqui esbocei. Para os nativos, a injustiça de esse oficial não ter sido responsabilizado diante de um tribunal de guerra competente por seu crime pesa mais do que o próprio comportamento do oficial. Pelo contrário, ele foi promovido e hoje em dia ocupa uma alta patente.

## **TRECHO 6**

### **Filho de duas mães**

Quando Burton ouviu falar dele pela primeira vez, o homem estava enterrado debaixo de seu nome, debaixo do nome que resumia todos os insultos que eles amontoaram sobre ele na cidade. Ele se chamava bastardo de Baroda. E era conhecido por esse nome. Era difícil imaginar que ele algum dia tenha tido outro nome. Era um leproso com o qual ninguém que desse algum valor a si mesmo teria entrado em contato se ele ocasionalmente não fosse convidado ao tribunal, quando os tradutores oficiais viajavam. Essa tarefa o bastardo desempenhava com louvor. Ele parecia acalmar os acusados, que tomavam parte daqueles espetáculos involuntariamente. Sabia corresponder aos desejos do juiz com uma sensibilidade surpreendente. Os dialetos nativos brotavam de dentro dele, seu inglês gramaticalmente correto, ao contrário, soava como se ele o tivesse mantido sob quarentena dentro de si por tempo demais. Pois o bastardo de Baroda de resto não tinha nenhum contato com britânicos.

Só diante do tribunal ele usava seu inglês, que lhe havia sido ensinado por seu pai irlandês, que desertara e o concebera em algum lugar além da fronteira noroeste com uma mulher nativa. O desprezo com que seu pai foi contemplado outrora passara a ele. Com uma diferença nem um pouco insignificante. Enquanto o pai se esquivara às condenações e de um modo geral vivera uma vida venturosa, o filho estava desamparadamente entregue a elas. Burton encontrou o bastardo de Baroda por acaso, na rua. Reconheceu-o em suas roupas, na bagunça selvagem da qual já ouvira falar. Ninguém outro vestiria uma jaqueta do exército puída, os buracos tapados com trapos de todas as cores, por cima de um pathani longo de tecido rude, e sobre a cabeça uma melancia esburacada. Para refrescar seu cérebro, assim se dizia em uma das piadas. Burton obrigou seu cavalo a um trote mais vagaroso, que alcançasse os passos do homem, e dirigiu a palavra a ele, em hindustâni. Sem levantar os olhos, o pedestre replicou algo em inglês. Burton insistiu no hindustâni. Falai inglês comigo, disse o homem, áspero. Como assim? Por que eu sou britânico. Tu? Burton estava surpreso com o descaramento. As pessoas que não se atrevem a chamar a si mesmo de britânicas nesse país! Tu és um bastardo, disse Burton, antes de voltar a dar esporas em seu cavalo, não de maneira antipática, mas excluindo qualquer contestação. E como todos os bastardos, ele pensou, reúnes dentro de ti o pior de ambos os lados. Essa é a lei da natureza, o negativo se impõe.

O bastardo parecia decidido a confirmar a avaliação de Burton com seu comportamento. No aniversário da rainha, ele apareceu na missa do regimento e pediu permissão para entrar. Todos os cidadãos da rainha deveriam ter o direito de festejar com ela essa ocasião solene. Ele tinha de se considerar feliz por ter sido apenas agarrado pelo colarinho e posto na rua. Mas não desistia com facilidade, aquele bastardo. Pouco depois se ouviu uma exclamação na missa do regimento e uma segunda voz confirmou a surpresa ruidosa. Por favor, mas não é possível! Eles se agruparam em torno dos espias à janela e fitaram os olhos em uma insolência que só podia ser chamada de diabólica. O bastardo estava sentado à beira da estrada, onde principiava a grama empalidecida. Havia estendido uma toalha de mesa branca e punha sobre ela a louça, de cerâmica, enfeitada com folhas de hera.

Sabe lá Deus onde ele arranjava aquilo. Ele serviu a si mesmo um pouco do chá de um bule com gargalo em forma de pescoço de cisne; eles viram a cor escura, não era o tchai marrom-claro que aqueles tipos costumavam beber. Tomou a xícara entre o polegar e o dedo médio, meu Deus, ele até mesmo esticava o dedo mindinho, não dava atenção aos guardas que estavam parados em volta dele, que gritavam com ele, e sorveu o primeiro gole. A xícara de chá foi arrancada de sua mão, o chá quente – não se pode dizer se intencionalmente ou não – bateu em cheio na cara de um dos guardas. A xícara caiu ao chão, não quebrou logo, foi

esmigalhada sob as botas dos guardas que se atiraram sobre o homem franzino. Burton teve de correr para fora com alguns camaradas a fim de impedir que o bastardo fosse espancado até morrer. Ele jazia coberto de sangue entre os cacos. Ninguém sabia onde o bastardo vivia, e era impensável levá-lo para dentro da missa. Os oficiais que haviam corrido para fora ficaram parados em volta dele alguns instantes, depois deram meia-volta, um após o outro, e se retiraram para os festejos do dia. Burton sempre de novo olhava de soslaio para fora da janela. Ele não podia deixar o homem deitado lá fora. Naukaram e alguns dos outros criados foram chamados e chegaram às pressas. Carregaram o bastardo para o bangalô de Burton e o deitaram sobre a cama no bubukhanna. A presença dos macacos não incomodaria o desmaiado. A promessa de uma velha garrafa de vinho do Porto convenceu o velho Huntington a examinar se algum osso não havia sido quebrado e fazer algumas ataduras. Na manhã seguinte, o bastardo desaparecera.

De então em diante ele não compareceu mais diante do tribunal. Passava seus dias em esquinas movimentadas e pregava uma verdade que ninguém compreendia. Os nativos o deixavam em paz, eles o chamavam de qalander, com uma considerável porção de respeito. Um doido beijado por Deus. Certo dia, bem cedo pela manhã, no dia de mercado mais importante do mês, ele subiu a uma árvore ao longo da rua que levava do leste para o centro da cidade e gritou com todas as forças: Duniya chordo, Jesu Christo, pakro. Har har Mahadev. Renunciái ao mundo e buscai o salvador. Ave, todo-poderoso. Todos os relatos davam conta, incrédulos, da resistência de sua voz. Ele ainda gritava aquelas sentenças quando os comerciantes voltavam aos povoados dos arredores, após o meio-dia. Ninguém ousaria tentar prever o comportamento de um qalander, e assim só os britânicos ficaram surpresos com o fato de o bastardo de Baroda certo dia circular em um terno cujas mangas engoliam suas mãos e cujas barras das calças arrastavam sobre o chão. A estampa do terno era suspeitamente parecida com a do union jack. Envolvido na bandeira de sua majestade, o bastardo caminhou de peito estufado um dia inteiro pelas ruas de Baroda; ele vadiava pela primeira vez desde as pancadas que recebera no aniversário da rainha, diante da missa do regimento, até ser afugentado. Não sem ter exclamado antes que ninguém poderia bater nele, que isso seria uma afronta contra o caráter sagrado da bandeira, contra os valores que tremulavam com essa bandeira. A admiração se transformou em indignação veemente quando uma informação vinda de Surat trouxe a solução do mistério. Alguns dias atrás, no meio da noite, o union jack teria sido roubado do mastro na entrada do cantonment. Não demorou muito até que os sepoy fossem enviados – a irritação não foi tão violenta a ponto de arrancar os oficiais da sombra – para encontrar o bastardo. E eles não chegaram sequer um instante atrasados, pois o bastardo

se ocupava justamente em colocar um trapo da bandeira em um vira-lata da rua que alimentava regularmente. Ele foi jogado à prisão e não foram poucos os que acharam que lá era o melhor lugar para ele até o momento que libertasse o semblante do mundo de sua presença. Burton foi o único que se engajou em favor dele, para a surpresa de todos. O bastardo deveria ser posto em liberdade, argumentou ele, pois não tinha culpa de sua perdição; seus pais é que seriam os responsáveis e, ao invés de insultar a pobre criatura, seria melhor que todos eles aprendessem a lição daquele caso pouco apetitoso, ou seja, que o sangue do ocidente não devia se misturar ao sangue do oriente, uma mistura que destroçava ambos os lados, meus senhores, conforme nosso union jack foi obrigado a experimentar dolorosamente.

## GLOSSÁRIO

ANGREZI – Designação indiana para inglês.

BUBUKHANNA – Designa, supõe-se, um compartimento da casa; como pode ser visto em uma das menções, um compartimento que possui cama.

CANTONMENT – Alojamento, em inglês.

GHORA – Designa o cavalo, ou o cavaleiro, por extensão. Em bengali, pistola. Em sânscrito, escuridão.

KAJAL – A palavra híndi designa uma maquiagem de cor negra usada acima, mas sobretudo abaixo dos olhos. Tem papel importante em ritos religiosos do hinduísmo.

PATHANI – Vestimenta indiana e paquistanesa, espécie de túnica.

QALANDER – Sujeito livre de qualquer ordem, regra ou tradição, pertencente a um agrupamento libertário dos sufis, que não se submete às regras dos tarika (uma ordem dos sufi).

SEPOY – Do persa “sipahi”, soldado. Refere os soldados indianos do exército colonial britânico na Índia. Eram treinados seguindo o modelo do exército britânico; daí a imitação constatada por Burton.

TCHAI – Chá indiano.

TOPI – Peça tradicional destinada a cobrir a cabeça.

UNION JACK – Nome tradicional da bandeira britânica. A designação “jack” remete a seu uso inicial na proa de navios de guerra.